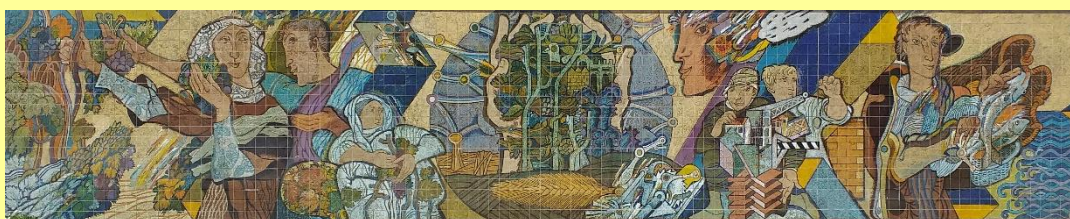


Museu Educação Global e Diversidade Cultural

Cadernos

Trovas da Liberdade Sementes de Futuros



**Galeria de trovadores e jograis e segréis do
Romanceiro em Língua Portuguesa**

I

2021



Ficha Técnica:
Informal Museology Studies
Cadernos
Nº 31 – 2021
Editor: Pedro Pereira Leite
Marca D'Água - Edições e Projeto
ISSN – 2182-8962

DOI: 10.13140/RG.2.2.17792.56324

Documentos usados de acordo com:





Índice

Como e porque surge o Museu dos jograis da Liberdade 10

- Por que fazer isso? 10
- Como fazemos isso? 12
- A quem se destina a galeria de trovadores e jograis? 15
- “Quem Canta seus males espanta” 16
- Lugares de Canto 16

Parte I Os Ritmos e a estética

- **Lírica Trovadoresca e Jogral**
 - Influências do Al-andalus – o Zejel
 - Influências provençais e asturianas
- Trovadores e Jograis
 - Canto Chão
 - Canto moçárabe
 - Cancioneiros Medievais
 - Cancioneiro da Ajuda
 - Cancioneiro da Biblioteca Nacional - Colocci-Brancuti
 - Cancioneiro do Vaticano
 - Cancioneiro de Berkeley
- **Renascimento e Maneirismo**
 - Vilancicos
 - Trovas e Poesia Palaciana
 - Cancioneiros Renascentistas
 - Cancioneiro de Elvas
 - Cancioneiro de Lisboa
 - Cancioneiro de Belém
 - Cancioneiro de Paris
 - Cancioneiro
- **Barroco**
 - Literatura de cordel
 - A literatura de cordel no Brasil
 - As Modinhas
- **Arcadismo e neoclassicismo**
 - O arcadismo em Portugal
 - Madrigais, Abadessados e Outeiros Poéticos
 - O arcadismo no Brasil
 - Fénix Renascida Cancioneiro Barroco
 - Postilhão de Apolo
- **Romantismo**
 - Romanceiros da música popular portuguesa
 - O Romanceiro de Almeida Garrett
- Os Cancioneiros do Final do Século XIX

- As recolhas dos cancioneiros regionais
- Os Cancioneiros do Algarve
 - Estácio da Veiga
 - Ataíde de Oliveira
 - Estanco Louro
- Cantigas à Desgarrada e Cantigas de Escárnio
- As Danças Populares Erro
- **O embate do Realismo**
 - As Filarmónicas e Tunas Populares
 - Academia dos Amadores de Música
- **Naturalismo, Parnasianismo e Simbolismo**
- **A Renascença Portuguesa e o Saudosismo**
 - O Fado – uma estranha forma de vida
 - O Teatro de Revista
- **Século XX e o Modernismo**
 - Lisboa Boémia
 - Os romances regionais
 - Trás-os-Montes
 - Douro Litoral
 - Beira Alta e Beira Baixa
 - Alentejo
 - Madeira
 - Açores
 - Recolhas Etnomusicologia no século XX
- Armando Leça (1893-1977)
- Artur Santos
- César das Neves
- Domingos Moraes
- Ernesto Veiga de Oliveira
- Fernando Lopes Graça
- Francisco José Dias
- GEFAC -Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra
- José Alberto Sardinha
- Kurt Schindler
- Michel Giacometti

Baladas da Liberdade e a MPP

- Novas Sonoridades Poéticas no Seculo XXI

Parte II Galeria de Trovadores e Jograis

- Dom Dinis “Rei Trovador”
- Francisco Sá de Miranda. Introdutor do “stillo nuovo”.
- António Ferreira
- Gil Vicente e a performatividade

- Juan del Encina
- Bernardim Ribeiro
- Garcia de Resende
- Pedro de Escobar
- Luís de Camões
- Jorge Ferreira de Vasconcelos
- António Prestes
- Jorge de Montemor.
- Garcilaso de La Vega
- Gutierre de Cetina
- Pedro de Pastrana
- João de Barros
- Damião de Góis
- Duarte Lobo
- Pedro de Cristo.
- Agostinho Pimenta.
- Fr. Agostinho da Cruz
- Filipe de Magalhães
- Frei Manuel Cardoso.
- Francisco Manuel de Melo.
- António Vieira
- António José da Silva (O Judeu)
- Filinto Elísio (Grupo Ribeira das Naus).
- Marquesa de Alorna Erro! Marcador não definido.
- Bocage
- Gonçalo Annes Bandarra e o mito sebástico
- Domenico Scarlatti
- Carlos Seixas
- Marcos Portugal
- João Domingos Bomtempo
- Luísa Todi
- Almeida Garrett
- Alexandre Herculano.
- António Feliciano de Castilho
- João de Deus
- Júlio Diniz.
- Guerra Junqueiro
- Teófilo Braga
- Eça de Queiroz.
- Antero de Quental
- Pinheiro Chagas
- Ramalho Ortigão
- Gonçalves Crespo
- Gomes Leal

- Cesário Verde
- Camilo Passanha
- Leite de Vasconcelos
- Adolfo Coelho
- Consiglieri Pedroso
- Francisco de Lacerda
- Viana da Motta
- Carolina Machaellis de Vasconcelos
- Armando Leça (1893-1977)
- Tomás Ribas e As Danças do Povo Português
- José Brazão e Nelson Conceição e Cancioneiro Tradicional Português
- João David Pinto Correia
- Soares dos Passos
- Bulhão Pato.
- Alexandre Rey Colaço.
- Fernando Pessoa.
- Teixeira de Pascoaes.
- Jaime Cortesão



Como e porque surge o Museu dos jograis da Liberdade

Numa das propostas de museologia social que fizemos em 2020 (<https://recil.grupolusofona.pt/bitstream/10437/11729/1/sementes1redux.pdf>) apresentamos a criação duma galeria ou jardim de Poetas num para equipamento dos museus nacionais. (Panteão Nacional). Recolhemos na altura algumas ideias com o intuito de mais tarde desenvolver esse projeto no espaço público, como alternativa à natureza da “celebração da morte” que o equipamento mostra. Procurava-se com este projeto celebrar a vida através da criatividade dos “portugueses ilustres”, tendo na altura da proposta exemplificado com os poetas.

Tendo-se gorado essa proposta, aproveitamos o trabalho feitos para desenvolver uma galeria digital.



Por que fazer isso?

Ao longo dos anos de observação sobre os processos de museologia social, fomos notando que havia uma ausência sistemática das tradições e poéticas da oralidade e da performatividade.

A linguagem e em particular a língua é a ferramenta da formulação dos enunciados. A liberdade é primeiramente expressa na fala. E em particular é cantada para melhor se configurar no mundo. Cantada é poesia pura. Muitas vezes, com fala ou sem fala, a liberdade também se exprime pelas linguagens do corpo que corporizam os sentidos e os afetos.

Mas o seu contrário, a opressão é também expressa através da fala e sobretudo pelo domínio do corpo. Se na opressão, o corpo é encarcerado, castigado ou mesmo mutilado, o pensamento é um campo de liberdade individual.

Se essa evidência, da dimensão opressiva do discurso e do corpo, foi ao longo da história um instrumento de dominação do outro, não deixa de ser verdade que as linguagens do pensamento e do corpo também são as ferramentas da liberdade, que cantam e dançam, tanto a liberdade como o reconhecimento da opressão. Ambas, a celebração da liberdade e o reconhecimento da opressão e da resistência, são componentes necessárias da autonomia cidadã e do pensamento crítico.

Independentemente deste quadro de categorização, a expressão poética é sempre uma expressão de liberdade. Uma ação de emancipação social com base na consciência crítica.

O psiquiatra argelino Franz Fanon no seu Livro "Peles Negras - Mascaras Brancas" desmonta alguns dos estereótipos que fundam os Estudo Decoloniais, e que mostram a necessidade de reconhecer-se a si e os outros como condição de emancipação. (<https://museueducacaodiversidade.com/galeria-educadores/#jp-carousel-1996>).

Como temos vindo a defender em vários trabalhos sobre o pensamento decolonial, nos dias de hoje, não basta declarar e reconhecer os processos de dominação do outro. É necessário construir alternativas e é necessário testar essas alternativas.

Por essa razão, e com esse objetivo, porque a poética representa o potencial libertador da palavra afirmando a utopia e autonomia crítica abordamos os jograis e trovadores da liberdade em língua portuguesa. Uma poética que transita na expressão escrita, cantada, musicada ou dançada.



Como fazemos isso?

Há contudo uma advertência a fazer. Não se trata duma galeria anódina. Não procuramos fazer um repositório. É uma busca pelo potencial libertador da poesia na sua forma cantada. *A balada e a trova como ação*. Tratou-se de fazer um ensaio de pensar como a autonomia se exprime na sua forma utópica através da poética.

Esse trabalho corporiza na forma digital no Museu da Autonomia Galeria dos Trovadores da Liberdade:

<https://museudaautonomia.wordpress.com/home/trovadores-e-jograis/>



Recolhemos ao longo do tempo algumas ideias sobre as possibilidades de projeto. Logo em primeiro lugar, não podíamos deixar de considerar o Jardim dos Poetas em Oeiras (<https://parquedospoetas.cm-oeiras.pt/>). Na sua forma de Parque Urbano, fomos acompanhando ao longo dos anos a sua evolução. Um verdadeiro jardim de poesia desenvolvia-se naquela encosta soalheira, voltada para o Tejo, que ia crescendo em espaço e estatuária.

O Horto de Camões, em Constância (<http://www.cm-constancia.pt/index.php/pt/visitar/cultura/monumento-a-camoes-e-jardim-horto>) foi outro dos equipamentos que referenciei. Desenhado por Ribeiro Teles, dedicado às viagens de Camões pela flora do mundo inspirou-me algumas atividades museológicas.

(https://www.researchgate.net/publication/318495472_A_poetica_num_convite_para_um_Cha_no_Jardim_Botanico_da_Politecnica_A_viagem_como_catalisador_da_transitoriedade_na_museologia).

Ao longo da recolha que fomos fazendo, nomeadamente na busca do seu conceito gerador, acabamos por tomar consciência da génese dual da prática trovadoresca e jogral. Isto é como vários autores notaram, se a prática da trova se fazia em ambiente aristocrático, de exaltação do amor cortês e da amizade cavalheiresca; a prática jogral já se fazia num ambiente popular, como forma de vida nos lugares com vida.

Quer os trovadores quer os jograis cantavam (com musica e palavras) a vida vivida. E sobre ela instalou-se, no discurso analítico, essa esta dualidade consubstanciada na dicotomia entre aristocracia e povo. E é partir dela que juntamos a terceira relação, sobre a afirmação da língua portuguesa.

Sabemos que a língua é uma expressão duma sensibilidade duma comunidade. E é sobre esta relação entre o povo e a liberdade de expressão do pensamento na sua língua materna (como hoje dizemos) que pensamos o conceito gerador desta galeria.

Sobre esta tripla relação (Aristocracia/Povo/Liberdade) procuramos criar uma narrativa sobre a expressão da poética da liberdade. Com efeito se os vilões e infanções participaram na criação duma comunidade da valores, expressos através duma língua singular, e por isso uma expressão libertadora, interessamos desvelar as diversas formas como foi apropriada pelas comunidades da língua.

Os momentos políticos da afirmação da dimensão política da autonomia serão ou não coincidentes com a maior criatividade da balada? Haverá uma coincidência entre a utopia e a vontade de autonomia, seja na afirmação da vontade política, seja no âmbito da ação política?

Não podemos naturalmente deixar de lado a dimensão política da afirmação duma língua sobre outras línguas. Por exemplo, não podemos esquecer que esse tempo dos jograis é um tempo de tensão entre cristandade e islão. Um tempo de onde via emergir uma língua única, que por sua vez será transportada para outras paragens, onde ela será instrumento de dominação, mas também, a partir de certa forma, de libertação. Afinal os crioulos serão também eles forma de apropriação dos outros, formas de dominação e libertação.

Sem espaço físico de instalação o conceito desenvolve-se na sua forma digital em torno do conceito da ação poética para a autonomia critica. Nesse sentido toma a forma duma galeria do museu Educação e Diversidade cultural.



A quem se destina a galeria de trovadores e jograis?

A ideia inicial desta galeria é criar uma comunidade digital em torno do projeto. Trata-se duma ideia em desenvolvimento que a seu tempo será apresentada e detalhada.

Fomos inspirados pela atividade do Atlas Mnemósine dos Arquivos da Memória de Aby Warburg¹, que esteve na base do projeto Museu Afro Digital: Estação Portugal². Na altura, a ideia principal do Museu foi o de criar um projeto de memória visual com base em texto e imagens de alguns trabalhos que havíamos desenvolvido no âmbito do Comité Português do Projeto da UNESCO “A Rota do Escravo”³

Para isso criamos um atlas de textos e imagens a que chamamos Itinerários da Memória (com uma óbvia analogia ao programa Mnemosyne, onde Warburg havia trabalhado nos últimos anos da sua vida)⁴

A ideia de Aby Warburg neste projeto de construção do “Bildatlas Mnemosyne”⁵ formado por sessenta painéis com mais de mil fotografias, cuja função consistia em identificar quais os elos da tradição que operam no interior da linguagem imagética (pictórica) ocidental. Warburg no seu “Bildatlas Mnemosyne” rastreou e comparou temas e padrões visuais recorrentes ao longo do tempo, da antiguidade ao tempo contemporâneo, passando pelo Renascimento, Barroco, Romantismo, Realismo, surrealismo, etc.

Entre este trabalho pioneiro a os novos tempos, tecnológicos, digitais, existem inúmeros caminhos para explorar. Um trabalho participado e cooperativo que nos propomos desenvolver como base duma exposição colaborativa.

Este tipo de apresentação das imagens é hoje comum. Este tipo de painéis, apelidados de “moodboards” são uteis como ilustrações reais ou como coleções virtuais e podem ser usados em todos os setores profissionais e privados. São auxiliares relevantes na coleta de ideias, e são úteis como forma de apresentação dada a sua grande flexibilidade.

¹ https://pt.wikipedia.org/wiki/Aby_Warburg

² <https://museudigitalafroportugues.wordpress.com/museus-virtuais-e-cibermuseus-a-internet-e-os-museus/aby-warburg-e-os-arquivos-da-memoria-o-projeto-mnemosyne/>

³ <https://pedropereiraleite.wordpress.com/actividade/exposicoes/itinerarios-de-memoria/>

⁴⁴ , tendo-o apresentado pela primeira vez na Biblioteca Hertziana, em Roma, a 19 de Janeiro de 1929, trata-se de um projecto que ficou incompleto. Quando morreu, em Outubro de 1929

⁵ https://www.hkw.de/en/programm/projekte/2020/aby_warburg/bildatlas_mnemosyne_start.php

“Quem Canta seus males espanta”

Cantar é uma forma de expressividade. Canta-se um poema, encena-se um poema, declama-se, representa-se, dança-se. O que une a ópera, o teatro a música e a dança: As artes performativas como comunicação. A pintura e a escultura tem ritmo e densidade que podem ser representadas por outros processos comunicacionais.

Qual é a relação entre a linguagem escrita e a musicalidade e o movimento. Qual a relação entre os sons e a harmonia e o corpo. Como se vive a poesia com os outros em encontro. Como a poesia corporiza através da performance

Quem vive a poesia, o canto e a música e a dança conhece o arrebatamento e o excesso. Aquela força que toma conta do corpo e da razão, fundindo-se na harmonia do tempo e do espaço do mundo.

Friedrich Nietzsche em música e palavras afirmou que quando o compositor escreve música para um poema lírico, ele, como músico, não se entusiasma nem com as imagens nem com os sentimentos que falam através deste texto”. Qual é a relação e o sentido entre o poema e a música. Serão expressão dum modo de pensar, estar e sentir?

O Som e a palavra são dois mundos distantes ou constituem-se com expressão duma identidade em transformação. Se sim como se transformou? Que relações podemos recuperar dessas metamorfoses? De que forma podemos relacionar essa complexidade entre texto e música. Como sentimos a complexidade do som e da musicalidade da palavra? Poderá a consciência dessa relação despertar novos olhares?

Lugares de Canto

Quais são ou foram os lugares de boémia ao longo do tempo é um outro processo que procuramos identificar. Trata-se dum projeto em crescimento e metamorfose.

Nota do Editor. *Por razões de ordem prática, ao longo da coleção foram-se verificando alterações ao projeto inicial, que passava pela construção de uma galeria na página. Entretanto, novos dados de pesquisa alteram a forma desse projeto inicial. Desta forma. Todo o século XX e as múltiplas formas da expressão poética no mundo serão trabalhadas noutro volume.*

Lisboa, 25 de abril de 2021.